REFLEXÃO DIACRÔNICA ACERCA DO CLÍTICO /SE/ E SUA MANIFESTAÇÃO NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lucas de Souza Machado (UEMS)
luccas.lsm@hotmail.com
Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)
elza@uems.br

RESUMO

Este estudo reflete, discute e analisa a presença do clítico /se/ do ponto de vista diacrônico para perceber como essa evolução está posta na contemporaneidade, como os alunos do ensino fundamental de uma escola pública em Dourados (MS) aprendem e empregam este o clítico em seus textos escritos. Preocupa-se também com o ensino de língua portuguesa pelo viés da variação linguística cuja intenção de aferir a influência da oralidade oriunda dos aspectos sociais e das vivências do alunado no momento da produção, sua interferência no uso do clítico /se/, sua importância no ensino aprendizagem da língua portuguesa e a contribuição do livro didático na abordagem do assunto, ou seja, no processo de ensino/aprendizagem da partícula clítica. Os ensinamentos de Napoleão Mendes de Almeida (2000), Marcos Bagno (2003/2012), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), Elza Sabino da Silva Bueno e Rosangela Villa da Silva (2012), Domingos Paschoal Cegalla (2008), Ismael de Lima Coutinho (1976), Maurice Leroy (1974), Ferdinand de Saussure (1989), entre outros, foram adotados como suporte teórico-metodológico da pesquisa. Não perdendo de vista que o clítico /se/ é merecedor de atenção na produção textual e na interpretação dos diversos gêneros textuais e em enunciados ou alternativas de provas de vestibulares e concursos públicos que exigem do leitor interpretação e objetividade sobre o tema abordado.

Palavras-chave: Ensino de português. Variação linguística. Linguística histórica.

1. Introdução

Propomo-nos neste estudo a levantar, refletir e analisar a presença do clítico /se/ e sua manifestação em textos de alunos do ensino fundamental de uma escola pública em Dourados (MS), tendo em vista questões pertinentes a oralidade, a aprendizagem da língua portuguesa e a contribuição do livro didático na abordagem do assunto.

Selecionamos, nessa escola pública municipal de bairro periférico de Dourados, uma sala com alunos do 8º ano do ensino fundamental, pois nos preocupamos com a variação linguística e com o ensino de língua, para perceber a influência da oralidade oriunda do social e das vivências do aluno em suas produções e a utilização do clítico /se/ em seus textos.

Consideramos, a partir da reflexão diacrônica, a evolução do ensino e a utilização do clítico /se/ e no momento da análise, averiguamos como essa evolução está posta no português brasileiro.

Para a execução da pesquisa realizamos a leitura das obras, a coleta e seleção de textos dos alunos do ensino fundamental, para apontar como o clítico /se/ é ensinado nas gramáticas, verificamos como o livro didático adotado na turma aborda a variação linguística na língua e finalmente procedemos à tabulação e análise dos textos dos alunos, principalmente daqueles que traziam o emprego do clítico /se/.

Adotamos como suporte teórico dessa pesquisa os ensinamentos de estudiosos como: Napoleão Mendes de Almeida (2000), Marcos Bagno (2003/2012), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004/2014), Elza Sabino da Silva Bueno e Rosangela Villa da Silva (2012), Domingos Paschoal Cegalla (2008), Ismael de Lima Coutinho (1976), Maurice Leroy (1974) e Ferdinand de Saussure (1989), entre outros.

2. *Aporte teórico-metodológico da pesquisa*

A linguística, de acordo com Ferdinand de Saussure (1989), é "a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua" (SAUSSURE, 1989, p. 7) ciência bastante nova e, nesta parte do trabalho, faremos uma retrospectiva dos estudos da linguagem pré-saussurianos até chegar aos estudos modernos do século XX, em que abordamos o conceito de variação linguística e sua contribuição para o ensino de língua portuguesa e, por fim, apresentamos as etapas de realização da pesquisa, que consistem na escolha da escola, dos alunos e dos textos, não perdendo de vista que o objeto desse estudo é o clítico /se/ e sua importância e uso na língua portuguesa do Brasil.

2.1. Linguística histórica e história da linguística

Os primeiros povos a se ocuparem dos estudos da língua foram os *hindus*, por motivos religiosos. Maurice Leroy (1974, p. 15) salienta que: "importava, com efeito, que os textos sagrados, reunidos nos *Vedas*[192],

[192] Os *Vedas* são vistos como escrituras sagradas associadas à religião hindu, significam *conhecimento*. Eram transmitidos oralmente e representam a mais antiga literatura da língua indo-europeia.

não sofressem alteração alguma no momento de serem cantados ou recitados durante os sacrifícios, um esforço feito para conservá-los na sua pureza primitiva".

Os antigos *gregos* também se ocuparam do estudo da língua, porém, por motivos estético e filosófico, o simples fato de quererem conservá-la, tendo em vista que acreditavam que tinham superioridade intelectual sobre os demais povos. Os estudiosos alexandrinos para empreender seu trabalho no estabelecimento dos textos organizaram a Gramática, uma espécie de "sistema operacional", dotada de diversas ferramentas. Então, a gramática passa de especulação a uma atividade prática, tendo a "língua em si" como seu principal objeto de estudo. Os gramáticos alexandrinos se baseavam nas teorias gregas para compor um aparato técnico para seus trabalhos de crítica textual.

Os *romanos* também se ocuparam dos estudos de sua língua, com destaque para Varrão que **"**estudou o sistema de verbos, descrito pelos gregos e definiu a gramática como ciência e arte e vislumbrou com maior lucidez que os gregos, o valor da oposição de alguns aspectos no sistema do verbo". (LEROY, 1974, p. 19)

Na *Idade Média* o latim era a língua oficial do Império Romano e da Igreja Católica, mesmo tendo essa premissa o campo de pesquisas não se alargou. Na Antiguidade ensinava o *trivium* (retórica, lógica e gramática) fazendo o estudo da gramática reaparecer, pois era fundamental o ensino do latim. Na época nascem várias gramáticas, "o latim era uma língua principalmente escrita e, na medida em que era falada, era "recriada", com outra sonoridade pelo povo falante". (PEIXOTO, 2009, p. 7)

Do renascimento ao século XVIII, período em que a Igreja Católica perde domínio por conta das Reformas e Contrarreformas, de acordo com Maurice Leroy (1974), o estudo da linguística torna-se, no século XVI, mais relevante, pois, fez-se necessário que os livros sagrados fossem traduzidos para vários dialetos, mesmo que o latim tenha continuado como língua universal e o desprezo pelas línguas "vulgares" tenha continuado forte, o conhecimento da língua hebraica tornou-se essencial, pois era preciso conhecer as escrituras provocando o estudo das comparações linguísticas, ou seja, do método comparatista cuja função e comparar as língua e levantar o parentesco entre elas.

Maurice Leroy (1974) ressalta que os *estudos comparatistas* foram desenvolvidos por nomes importantes como:

> Franz Bopp foi pioneiro e fundou a gramática comparada das línguas indo-europeias além de ter formulado em 1816 um conjunto coerente de doutrinas oriundo das aproximações do sânscrito com as línguas europeias. [...] Rasmus Rask, precedeu Bopp nesse estudo, e demonstrou com maior rigor a identidade original das línguas germânicas. Os dois pesquisadores trabalharam independentes e chegaram ao mesmo resultado. [...] Jacob Grimm, introduziu na linguística a noção da perspectiva histórica, e dedicou-se aos dialetos germânicos. A lei que leva o nome do pesquisador, "Lei de Grimm" (mutação consonântica), foi o primeiro modelo das Leis Fonéticas, traduzindo a regularidade das transformações fônicas da linguagem. [...] Augusto Schleicher, teve como ponto de vista as línguas como organismos naturais que independente da vontade humana nascem, crescem, se desenvolvem, envelhecem e morrem, e para embasar suas explicações aplicava-lhes as teorias da evolução de Charles Darwin. (LEROY, 1974, p. 31- 34)

Em 1878, Ferdinand de Saussure mostra novos caminhos à gramática comparada, mas é em Genebra que ele produz, em suas aulas, o que em 1916, seus discípulos compilam e publicam como: *Curso de Linguística Geral* (CLG). Uma síntese das aulas ministradas por Ferdinand de Saussure ao longo de três anos de ensino (LEROY, 1974, p. 73). Em o *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure tem seus estudos relatados como: a arbitrariedade do signo, a linearidade do significante, língua/fala, sincronia/diacronia, entre outros princípios/objetos de estudo e reflexão.

Tendo em vista nosso trabalho ser um estudo reflexivo à diacronia do clítico /se/, faremos a seguir uma breve elucidação do conceito de diacronia e de sincronia na concepção saussuriana, lembrando que embora tenhamos optado pelo estudo diacrônico, não nos opomos aos pensamentos linguísticos que demonstram importância do estudo sincrônico dos fatos da língua.

2.1.1. Diacronia e sincronia na concepção saussuriana

Ferdinand de Saussure, no *Curso de Linguística Geral* (1989) trata do estudo da linguística sincrônica e linguística diacrônica, sendo:

> Sincrônica, se ocupa das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva e a linguística diacrônica, se ocupa com as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (SAUSSURE, 1989, p. 116)

Ferdinand de Saussure utiliza os termos linguística sincrônica para se referir àquela linguística estática, recortada em um tempo, seja ele

passado, presente ou futuro, que se preocupa com os fatos da língua e linguística diacrônica para definir fatos que acontecem ao longo do tempo, que antecede ou sucede um determinado período do tempo.

Para o autor "é sincrônico tudo que se relacione ao aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito à evolução. Sincronia e diacronia são um estado da língua e uma fase da evolução" (SAUSSURE, 1989, p. 96). Corroborando com este estudo Eugenio Coseriu (1979 p. 27, in CARVALHO, 1997 p. 76) ressalta que: "Saussure não fez ontologia, mas metodologia, isto é, procurou distinguir os pontos de vista sincrônico e o diacrônico na linguística". Assim, "a língua será sempre sincrônica e diacrônica em qualquer momento de sua existência". (CARVALHO, 1997, p. 76)

Um exemplo desse processo sincrônico/diacrônico pode ser visualizado no neste artigo que reflete sobre o uso do clítico /se/ do ponto de vista diacrônico, mas a partir dos textos produzidos por alunos de 8º ano do ensino fundamental de escola pública de Dourados.

2.2. Sociolinguística e sua importância para o estudo da língua portuguesa

Preocupamo-nos, nessa parte do estudo em relatar a contribuição dos estudos sociolinguísticos para as aulas de língua portuguesa, uma vez que este estudo tem o viés da sociolinguística variacionista que segundo Maria Cecília Mollica (2015, p. 11) "é uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala". Sobre o assunto Stella Maris Bortoni-Ricardo (2014) acrescenta que:

> A sociolinguística como ciência autônoma e interdisciplinar teve início em meados do século XX [...] levando em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala, não dissocia a fala do falante, considera relevante examinar as condições em que a fala era produzida [...] Liderados por Willian Labov, os sociolinguistas pioneiros, nos Estados Unidos, desenvolveram análises contrastivas entre a variedade do inglês, língua materna dos alunos em questão, e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 11-12)

Essa ciência autônoma e interdisciplinar atua na escola, uma vez que esta é um ambiente social, uma comunidade de fala, em que a língua é falada pelos alunos em situações de monitoramento, portanto, é fundamental que ela seja tratada, não só nas aulas de língua portuguesa, mas em todas as disciplinas do currículo escolar, afinal ela também se preo-

cupa com o ensino aprendizagem e leva em consideração o social do aluno, a idade, situação econômica e cultural, o que Stella Maris Bortoni-Ricardo trata como uma pedagogia cultualmente sensível[193].

Percebe-se que é impossível desassociar a sociolinguística (ciência que estuda a língua, viva, em sociedade) da sociedade que é a sala de aula, isto é, espaço de convivência do aluno, onde pode se expressar e emitir seu ponto de vista sobre os assuntos em discussão.

Nas aulas de língua portuguesa, professores optam por tratar a variação linguística como um defeito, que precisa ser eliminado, provocando um preconceito linguístico, fruto do preconceito social, indo na contramão dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, que objetivam o reconhecimento e o respeito ao social aos saberes do aluno. A sociolinguística vem para contribuir com: "definições de conceitos para o tratamento da variação; reconhecimento da pluralidade de normas brasileiras; estabelecimento das semelhanças entre o que se convencionou chamar "norma culta" e "norma popular", ou seja, os estereótipos linguísticos". (MARTINS *et alii*, 2014, p. 10)

Assim, alunos e professores, por meio de formação e investigações sérias precisam refletir, perceber e compreender os diversos fenômenos linguísticos, contrários à língua padronizada. E compreender, que o aluno não é uma folha em branco, é necessário o respeito aos saberes, além de uma metodologia que respeite as diversidades naturais e comuns às línguas vivas em transformação.

2.3. Etapas de realização da pesquisa

Como objetivo geral, pretendemos pesquisar e analisar a presença do pronome clítico /se/, do ponto de vista diacrônico e sua manifestação os textos dos alunos selecionados para a pesquisa para averiguar sua importância no ensino aprendizagem e a contribuição que o livro didático língua portuguesa traz na abordagem do tema.

Em relação aos objetivos específicos, pretende-se analisar e refletir sobre o uso do clítico /se/ seu processo de transformação diacrônica e seu uso na contemporaneidade, para verificar a forma como o ensino do

---

[193] Sugere-se a leitura do livrinho *Nós cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação,* da Profa. Stella Maris Bortoni-Ricardo.

clítico /se/ tem sido abordada nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental. E verificar o efeito de sentido causado pelo uso do /se/ nos textos dos alunos, no sentido de perceber como os alunos utilizam o pronome clítico /se/ em seus textos.

2.3.1. Seleção da escola

A escolha da escola para a realização da pesquisa foi intencional, selecionamos alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Dourados (MS), tendo em vista que nos preocupamos com a presença dos aspectos variacionistas no ensino de língua portuguesa, mas especificamente para perceber o quanto há de influência da oralidade oriunda do social e das vivências do aluno no momento da produção textual e na utilização do clítico /se/em seus textos.

A escola selecionada dispõe de materiais midiáticos e ferramentas para auxiliar os professores, porém as reservas devem ser agendadas previamente para atender professores das disciplinas da grade curricular.

2.3.2. Perfil dos alunos pesquisados

Para a seleção da turma, conversamos com docentes e coordenação pedagógica das turmas e decidimos pela realização do trabalho no 8º ano A do período matutino da referida escola, lembrando que tal escolha justifica-se uma vez que essa turma atende aos requisitos propostos em nossa pesquisa que são: verificar a utilização atual do clítico /se/ em textos escritos de alunos do ensino fundamental e como o ensino deste clítico é abordado no livro didático de língua portuguesa.

Para a coleta dos textos produzidos pelos alunos não foi realizado nenhum tipo de "aula extra" sobre o assunto em destaque. Os alunos pertencem à faixa etária dos 13 aos 15 anos de idade, estão dentro da média de idade para cursar o 8º ano. Assim, foi realizada uma observação da sala em algumas aulas com intuito de perceber a interação dos alunos com os conteúdos trabalhados e a interação da turma com a professora.

3. Discussão da diacronia do clítico /se/

Antes de estabelecer as funções do clítico /se/, faz-se necessário um aclaramento acerca do que é clítico. Segundo Marcos Bagno (2012):

> O verbo grego klínō significa 'inclinar; apoiar; fazer cair' [...]. Do verbo grego se formou o adjetivo klitikós, adotado pela terminologia linguística para designar um vocábulo átono que se apoia em outro antes ou depois dele para, juntos, constituírem um único grupo acentuado. Os clíticos podem ser de várias classes gramaticais e variar de língua para língua. (BAGNO, 2012, p. 740)

As terminologias linguísticas mais conhecidas referentes às posições clíticas são: ênclise (antes do verbo), próclise (depois do verbo) e mesóclise (entre o verbo).

3.1. As funções do clítico /se/ a partir dos manuais de gramática do latim à contemporaneidade

Utilizamos as gramáticas de Júlio Comba (2004), Edwin Bucher Williams (1961), Ismael de Lima Coutinho (1976), Carlos Henrique da Rocha Lima (1969), além dos estudos realizados por Marcos Bagno (2012/2003), para verificar a evolução do clítico /se/ e sua utilização no livro didático adotado em referência ao clítico.

Vejamos a reflexão diacrônica do clítico /se/ do latim ao português brasileiro e a contribuição de Júlio Comba (2004) com relação à declinação do pronome de 3ª pessoa:

Genitivo	Sui	de si
Dativo	Sibi	a si
Acusativo	*Se*	*Se*
Ablativo	*(a) se*	*por si*

Quadro 1 – do latim ao português. Fonte: Combra (2004, p. 71)

Marcos Bagno (2012) nos apresenta que: "A forma *se* era usada em latim como acusativo (objeto direto) e ablativo (circunstâncias, instrumento, lugar, tempo etc.). Foi nessa função de objeto direto que o /se/ sobreviveu em nossa língua, um objeto direto que é reflexivo e equivale ao próprio sujeito". (BAGNO, 2012, p. 803)

Tomamos por empréstimo o quadro de Marcos Bagno (2012), para justificar a evolução do pronome /se/ como acusativo (objeto direto) e ablativo (adjunto adverbial).

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS ARCAICO	PORTUGUÊS ATUAL
SE (ACUS. / ABLAT)		XE	SE

Quadro 2 – funções do clítico /se/. Fonte: Bagno (2012, p. 777)

Somando com nossa pesquisa vejamos o quadro de Napoleão Mendes de Almeida (2000), em que o autor relaciona o clítico /se/ como complemento tanto do verbo trasitivo direto como do indireto.

OBJETOS	
Direto (Compl. de VTD)	Indireto (Compl. de VTI)
Singular {me/ te/ se,o}	Singular {me/ te/ se, lhe}
Plural {nos/ vos/ se, os}	Plural {nos/ vos/ se, lhes}

Quadro 3 – funções do clítico /se/. Fonte: Almeida (2000, p. 21)

Edwin Bucher Williams (1961) no tocante ao /se/ declara que "O caso acusativo sobreviveu nos substantivos e adjetivos em português, o nominativo e o acusativo *e por vezes também o dativo dos pronomes pessoais sobreviveram".* (WILLIAMS, 1961, p. 148)

Carlos Henrique da Rocha Lima (1969), apresenta a seguinte nota a respeito do /se/ com função de dativo (objeto indireto) como nos declarou Edwin Bucher Williams, anteriormente:

> Nota: "SE" com função de dativo (complemento indireto) – raro nos clássicos – apesar das censuras já se vai generalizando; segue o reflexivo SE a tendência dos outros pronomes oblíquos átonos *me*, *te*, *nos*, *vos*, que tem em português, além da função de objeto direto, como acusativos, a de objeto indireto. (MONTEIRO, 1957, p. 265, *apud* LIMA, 1969, p. 301)

Ismael de Lima Coutinho (1976) confirma que: "*se* (acusativo) > se; *sibi* (dativo) > si por analogia com mi. A forma átona arcaica deu o *se*, o que justifica o seu emprego, em português, como objeto indireto". (COUTINHO, 1976, p. 255-256)

Nosso trabalho tem por foco o emprego do pronome clítico átono /se/, nos assevera Carlos Henrique da Rocha Lima (1969) que: "os pronomes oblíquos possuem formas átonas e tônicas. As átonas são partículas inacentuadas, que se colocam antes (próclise) ou depois do verbo (ênclise), como se fosse uma sílaba a mais desse verbo" (LIMA, 1969, p. 104). "As formas /se/ e /si/ dizem-se reflexivas, porque é usada em referência ao próprio sujeito do verbo. Ex.: O capitalista matou-se". (LIMA, 1969, p. 103)

Carlos Henrique da Rocha Lima (1969) acrescenta que: "São formas oblíquas (objetivas indiretas), 2ª e 3ª pessoa: átonas: se (singular e plural), exclusivamente reflexivo [...] São formas oblíquas (objetivas diretas) 2ª e 3ª pessoa - se - singular e plural reflexivo". (LIMA, 1969, p. 301)

Aryon Dall'Igna Rodrigues (1984) apresenta em sua gramática o clítico /se/ no emprego dos pronomes oblíquos átonos em próclise, ênclise e mesóclise, além de reservar uma parte de seu manual para as funções da partícula /se/ como: conjunção (subordinativa integrante e condicional); pronome (partícula apassivadora, índice de indeterminação do sujeito, pronome reflexivo e partícula integrante do verbo).

Podemos considerar as seguintes funções da partícula /se/, no latim: objeto direto (acusativo), adjunto adverbial (ablativo) e, por vezes, objeto indireto (dativo). Marcos Bagno (2003), entretanto, nos propõe a refletir sobre a função de sujeito do clítico /se/.

Veja o exemplo dado pelo autor:

(1) Nessa padaria	se	come	uns docinhos ótimos!
	SUJEITO	VERBO	OBJETO
(2)	Nessa padaria se comem		uns docinhos ótimos!
		VERBO	SUJEITO

Quadro 4 – diferentes funções do clítico /se/. Fonte: Bagno (2003, p. 132)

O que chama atenção nessa análise (1) é que ela corresponde à 'ordem canônica' da sintaxe do português: SVO, portanto, o falante enquadra este enunciado dentro do esquema padrão da língua. Por isso é que esta frase (1) soa muito mais 'natural' do que a frase (2) com seu suposto sujeito invertido. (BAGNO, 2003, p. 134)

O autor propõe que coloquemos a frase (2) em sua ordem canônica – nessa padaria uns docinhos ótimos se comem! – e nos convida a refletir sobre a equivalência da voz passiva sintética em oposição à voz passiva analítica. (BAGNO, 2003, p. 136)

Nosso objetivo é promover discussão e reflexão acerca do uso do clítico /se/[194], a partir de um olhar diacrônico do fenômeno linguístico à luz da variação linguística. Sendo assim, apresentamos a seguir a manifestação do clítico /se/ no livro didático utilizado pela turma de 8º ano do ensino fundamental e sua importância para o processo de aprendizagem de língua portuguesa.

[194] Sugere-se a leitura de *Doa-se lindos filhotes de poodle*: *variação linguística, mídia e preconceito*, de Maria Marta Pereira Sherre.

3.2. O clítico /se/ e sua manifestação no livro didático utilizado ela turma selecionada

O livro adotado para trabalhar as atividades pedagógicas na turma selecionada (8º ano) é *Jornadas: port (Língua Portuguesa)* das autoras Dileta Delmanto e Laís Barbosa de Carvalho, 2012.

Como nossa intenção é demonstrar, a partir do livro didático, como o clítico /se/ é ensinado nas escolas, faremos um apanhado geral dos momentos em que as autoras tratam do objeto de nosso estudo em seu livro, com vistas a permitir ao leitor uma reflexão de como é o ensino do clítico, sugerido pelas autoras, e do real modo de utilização no momento da produção textual pelos alunos em seus textos escritos.

Jornada: port de Dileta Delmanto e Laís Barbosa de Carvalho é divido em oito unidades, cada uma subdividida em duas partes (Leitura 1 e Leitura 2). Sobre o clítico /se/, objeto de nosso estudo, as autoras apresentam-no em seis momentos, no subtópico reflexão sobre a língua.

Em um primeiro momento o clítico /se/ aparece no conteúdo de regência verbal no texto: "Os pronomes me, te, se, nos, vos também podem funcionar como *objeto direto* conforme a transitividade dos verbos a que estão ligados". (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p. 229 e 234)

O segundo momento em que o clítico /se/ é apresentado é como *pronome apassivador*: "Sempre que tivermos verbo transito direto acompanhado do pronome apassivador /*se/*, teremos a voz passiva sintética ou pronominal. Nessas orações, o verbo geralmente antecede o sujeito" (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p.268). Exemplo: Vende-se casa, Alugam-se quartos. "Na voz passiva pronominal, o verbo concorda sempre com o sujeito paciente" (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p. 268). Em um terceiro momento as autoras trazem o /se/ como *índice de indeterminação do sujeito.* Exemplo: "Perguntaram de você pra mim"- Sujeito indeterminado, verbo na 3ª pes. pl. "Precisa-se de floristas"- Sujeito indeterminado, verbo (de qualquer tipo, exceto transitivo direto) na 3ª pes. sing. + pronome se.

Dileta Delmanto e Laís Barbosa de Carvalho (2012) trazem ainda o clítico /se/ em mais dois momentos referindo à *colocação pronominal.* Em uma frase "Tornaram-se perigosíssimas, por causa do alto índice de gordura" (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p. 292), para que o aluno verifique a posição desse pronome pessoal (ênclise, próclise, mesóclise). E em um quinto momento, em um quadrinho de Hagar: "Lembre-se

estamos em território inimigo não confie em nada" (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p. 302), para verificar a posição clítica do pronome.

As autoras ainda fazem observações pertinentes, tendo em conta que é papel do professor orientar o aluno sobre as diferenças linguísticas existentes em os modos: brasileiro e europeu de usar a língua. As autoras asseveram que: "em situações informais, no português do Brasil, a tendência de colocação pronominal é a próclise. Em Portugal, a preferência é pelo uso da ênclise". (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p. 293)

A seguir em nosso trabalho analisamos como acontece o real uso do clítico /se/ pelos alunos, e apura-se o quanto a oralidade e uso informal da língua interfere no processo da escrita do aluno.

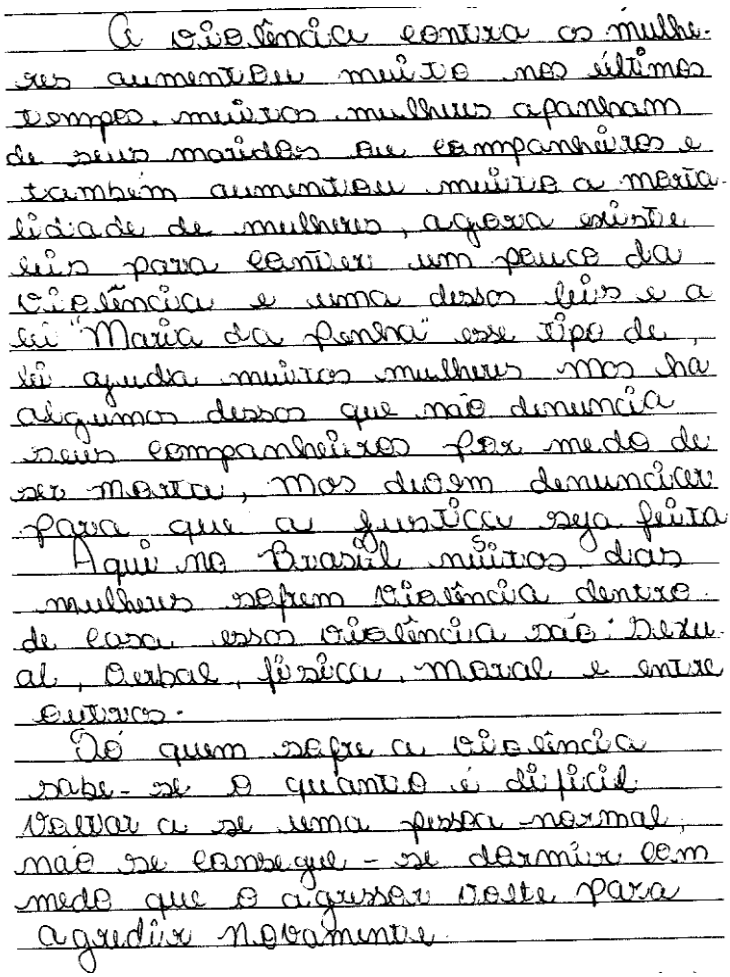
4. Descrição e análise do uso do clítico /se/ na produção de alunos do ensino fundamental

Neste momento procedemos à descrição e análise dos textos produzidos pelos alunos do 8º ano selecionados para a pesquisa, lembrando que são alunos de uma escola municipal de um bairro periférico da cidade de Dourados (MS). Para atingir os objetivos traçados no início da pesquisa, buscamos suporte teórico de gramáticos como: Domingos Paschoal Cegalla (2008), Luiz Antônio Sacconi (1994) e Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2005) e de linguistas como: Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), entre outros.

A princípio, para averiguação da presença do clítico /se/ nas produções escritas dos alunos, coletamos 27 (vinte e sete) textos e dentre estes escolhemos apenas 5 (cinco) para efeito de análise. Esse recorte justifica-se uma vez que os cinco textos selecionados são os que mais apresentam o emprego do clítico /se/, objeto de nosso estudo.

Ressaltamos que nosso objetivo nesse estudo não é ensinar o aluno a empregar o clítico /se/ e nem julgar o professor de língua quanto à sua metodologia de ensino e aprendizagem aplicada em sala de aula. E, sim refletir, discutir e compreender como os alunos do ensino fundamental utilizam o pronome clítico /se/, uma vez que são ensinados a partir das aulas de língua portuguesa a como empregar o clítico /se/ de acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). Ao final das análises trazemos algumas conclusões acerca da nossa inquietação de como esses alunos empregam o clítico /se/ na modalidade escrita da língua.

A seguir apresentamos os 5 (cinco) textos que foram selecionados para análise, identificados como Fig. 1 a 5.



A violência contra as mulheres aumentou muito nos últimos tempos. muitas mulhers apanham de seus maridos ou companheiros e também aumentou muito a mortalidade de mulhers, agora existe leis para conter um pouco da violência e uma dessas leis é a lei "Maria da Penha" esse tipo de, lei ajuda muitas mulhers mas ha algumas dessas que não denuncia seus companheiros por medo de ser morta, mas devem denunciar para que a justiça seja feita.

Aqui no Brasil muitas das mulhers sofrem violência dentro de casa essas violência são: Sexual, Verbal, física, moral e entre outras.

Só quem sofre a violência sabe-se o quanto é difícil voltar a ser uma pessoa normal, não se consegue-se dormir com medo que o agressor volte para agredir novamente.

Fig. 1 – texto a violência contra a mulher

No primeiro texto o aluno utiliza a palavra /se/ no último parágrafo, em: "Só quem sofre a violência *sabe-se* o quanto é difícil" como um pronome enclítico. Este emprego pode ter sido causado por uma desatenção, uma vez que com uma leitura mais atenta e orientada, certamente o

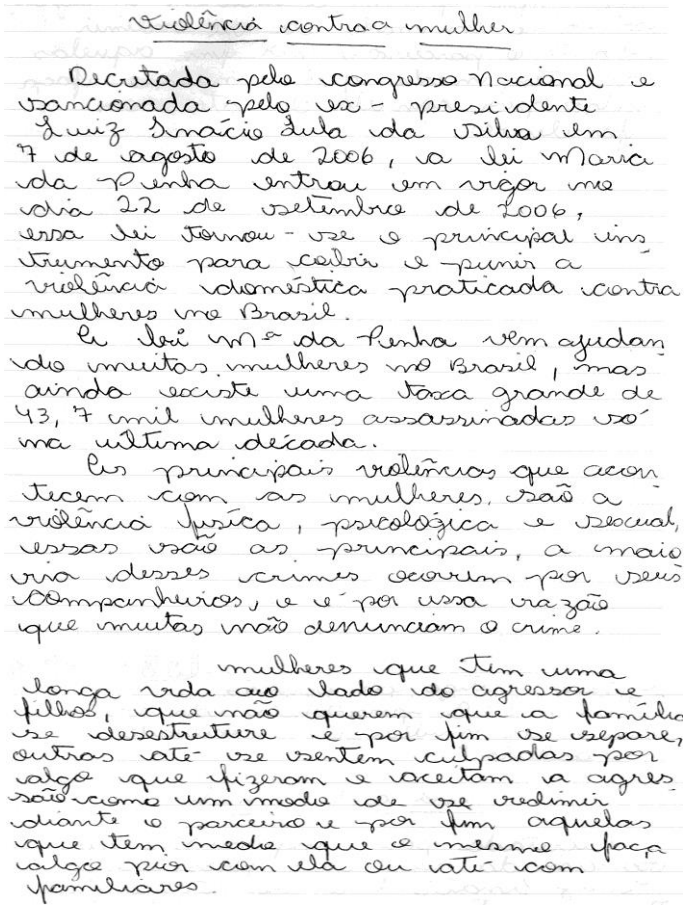
aluno teria optado pelo não uso da referida partícula clítica, pois neste contexto o seu uso é desnecessário na construção da frase.

Neste mesmo parágrafo no trecho: "... voltar *a se* uma pessoa normal" o aluno comete o que nos parece uma inadequação ortográfica do verbo *ser*, um simples equívoco de conjugação verbal, facilmente corrigível com uma leitura atenta e um processo de reescrita orientado. Ou até mesmo, uma supressão do /r/ final em verbos infinitivos, oriunda da fala, já que na oralidade os falantes falam os verbos infinitivos sem o /r/ final como em: "andá ('andar'), vendê ('vender'), parti ('partir')". (COELHO *et al.*, 2015, p. 27)

Ainda neste parágrafo, no trecho: "não *se consegue-se* dormir com medo que o agressor volte a agredir novamente", o aluno utiliza o pronome /se/ de forma proclítica, como sugere a gramática" a próclise será de rigor: quando antes do verbo houver, na oração, palavras de sentido negativo que possam atrair o pronome átono" (CEGALLA, 2008, p. 538) e de forma enclítica (inadequado gramaticalmente), uma vez que a construção pede próclise. Um equívoco que facilmente teria sido sanado, apenas com uma leitura atenta e orientada do texto escrito.

A respeito da reescritura de um texto Irandé Antunes (2003), salienta: "a qualidade dos textos escritos por nossos alunos se deve à falta de oportunidade para que eles planejem e revejam esses textos" (ANTUNES, 2003, p. 59) e acrescenta: "a maturidade de escrever textos [...] supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas (com rasuras inclusive!), aprendizagem" (ANTUNES, 2003, p. 60). O aluno obedece à regra de concordância estabelecida pela gramática, no uso de clítico /se/.

No texto 02, no trecho: "essa lei *tornou-se* o principal instrumento para coibir e punir a violência doméstica", o aluno faz uso de forma adequada, do ponto de vista da gramática normativa, da partícula /se/ como objeto direto do verbo, uma vez que de acordo com Luiz Antônio Sacconi (1994, p. 486) "a partícula /se/ possui a classificação de objeto direto quando acompanha verbo transitivo direto". Vejamos: "essa lei tornou (VTD) – se (O.D) – a si mesma – o principal instrumento para coibir ...".



Violência contra a mulher

Recutada pelo congresso Nacional e sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 7 de agosto de 2006, a lei Maria da Penha entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006, essa lei tornou-se o principal instrumento para coibir e punir a violência doméstica praticada contra mulheres no Brasil.

A lei nº da Penha vem ajudando muitas mulheres no Brasil, mas ainda existe uma taxa grande de 43,7 mil mulheres assassinadas só na última década.

As principais violências que acontecem com as mulheres, são a violência física, psicológica e sexual, essas são as principais, a maioria desses crimes ocorrem por seus companheiros, e é por essa razão que muitas não denunciam o crime.

mulheres que tem uma longa vida ao lado do agressor e filhos, que não querem que a família se desestruture e por fim se separe, outras até se sentem culpadas por algo que fizeram e aceitam a agressão como um modo de se redimir diante o parceiro e por fim aquelas que tem medo que o mesmo faça algo pior com ela ou até com familiares.

Fig. 2 – texto violência contra a mulher

No último parágrafo, no trecho: "mulheres que tem uma longa vida ao lado do agressor e filhos, que não querem que a família *se desestruture* e por fim *se separe*", o aluno utiliza duas vezes a partícula /se/como partícula expletiva ou de realce, tendo em vista que não se enquadra em caso de próclise de acordo com Domingos Paschoal Cegalla (2008) e Luiz Antônio Sacconi (1994), mesmo assim não se trata de uma construção inadequada, pois a norma prescrita pela Nomenclatura Gramatical Brasileira foi seguida.

No trecho: "outras (refere-se às mulheres) até *se sentem* culpadas por algo que fizeram e aceitam a agressão como modo de *se redimir*", ainda no último parágrafo do texto, o aluno utiliza duas vezes o pronome reflexivo /se/ antes dos respectivos verbos. O primeiro /se/ é proclítico por conta do pronome indefinido "outras" que principia a frase "Quando o verbo é precedido de pronome indefinido ocorre próclise" (MESQUITA & MARTOS, 2005, p. 414). O segundo /se/ é partícula integrante do verbo redimir que é um verbo pronominal, Domingos Paschoal Cegalla (2008) assevera: "o pronome /se/ é parte integrante dos verbos pronominais que exprimem sentimentos, mudança de estado, movimento, etc." (p. 563). Observe que o aluno obedece à regra de concordância estabelecida pela gramática normativa ao fazer uso do clítico /se/.

A respeito do texto 3, é necessário salientar que, como o texto foi construído pela aluna em frente e verso da folha, optamos por analisar apenas o verso, já que na frente da folha não há o emprego da partícula /se/. Além disso, o texto 3, em sua construção, ocorre o uso do /se/ de um modo que não ocorre em outro texto analisado, desta forma o consideramos importante para a reflexão do emprego do /se/ em nosso estudo. Vejamos o texto.

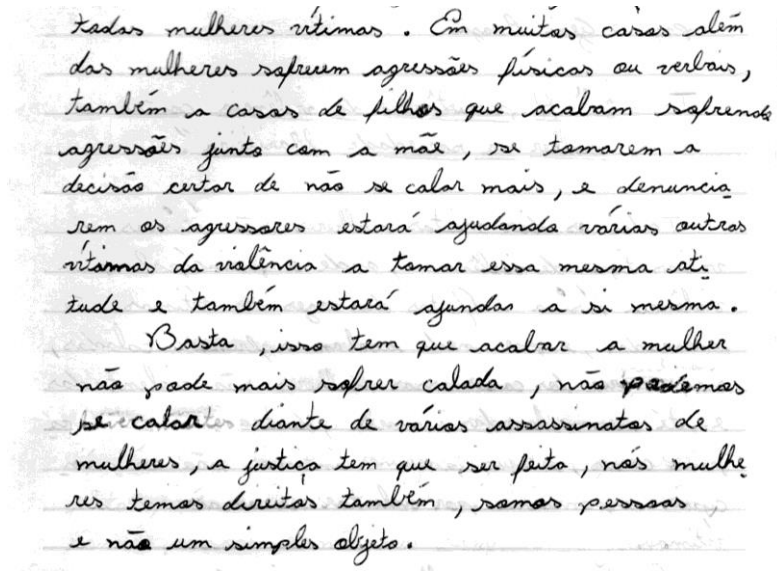

todas mulheres vítimas. Em muitas casas além
das mulheres sofrem agressões físicas ou verbais,
também a casas de filhos que acabam sofrendo
agressões junto com a mãe, se tomarem a
decisão certa de não se calar mais, e denuncia
rem os agressores estará ajudando várias outras
vítimas da violência a tomar essa mesma atit
tude e também estará ajudar a si mesma.
Basta, isso tem que acabar a mulher
não pode mais sofrer calada, não podemos
se calar diante de várias assassinatos de
mulheres, a justiça tem que ser feita, nós mulhe
res temos direitos também, somos pessoas
e não um simples objeto.

Fig. 3 – texto violência contra a mulher

Vejamos o trecho a seguir: "também 'a' casos de filhos que acabam sofrendo agressões junto com a mãe, *se tomarem* a decisão certa de não *se calar* mais, e denunciarem os agressores 'estará' ajudando várias outras vítimas..." em que o aluno faz uso do clítico /se/ de forma distinta em pelo menos dois enunciados.

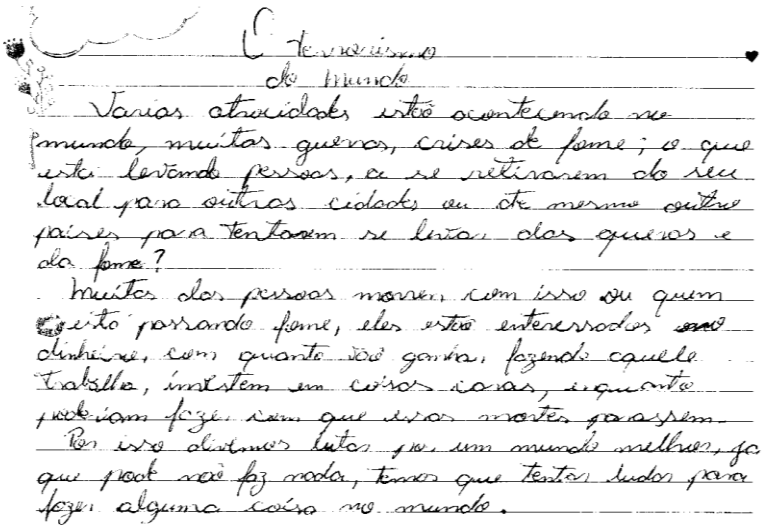
No trecho descrito o /se/ trata-se de uma conjunção subordinativa adverbial condicional (CEGALLA, 2008, p. 292). O segundo /se/ é um pronome átono proclítico "a próclise será de rigor: quando antes do verbo houver, na oração, palavras de sentido negativo que possam atrair o pronome átono". (CEGALLA, 2008, p. 538)

No segundo caso do trecho: "Não podemos se calar diante de vários assassinatos de mulheres". O aluno usa o /se/ em lugar do pronome átono /nos/. Ocorre uma próclise, por conta da palavra negativa "não" que principia a frase. Entretanto, o aluno troca o pronome átono 'nos' por 'se'. Acreditamos que isso aconteça por dois motivos:

- 1º- Não há uma leitura atenta pós-produção textual;
- 2º - É uma construção que acontece geralmente na fala informal e sem monitoramento.

Isso também acontece com o pronome átono /me/, como em: "Tô se sentindo pra baixo hoje", Mirian Lemle (1978). Neste caso, nota-se que o aluno transpôs para a sua escrita, expressões características da oralidade, este é um fenômeno comum e pode acontecer quando este não consegue distinguir expressões características da oralidade daquelas que são próprias da modalidade escrita da língua que, por sua vez, exige mais atenção e monitoramento durante a escrita do texto.

Neste sentido, é papel do professor orientar os alunos no processo de escrita, pois como defende Irandé Antunes (2003): "o ideal será que o professor conceda a maior atenção aos aspectos da organização e da compreensão do texto, clareza, precisão da linguagem, escolha da palavra certa além de sentido e relevância do que é dito" (ANTUNES, 2003, p. 65).



Terrorismo
do mundo

Varias atrocidades estão acontecendo no mundo, muitas guerras, crises de fome; o que está levando pessoas, a se retirarem do seu local para outras cidades ou até mesmo outro paises para tentarem se livrar das querras e da fome?

Muitas das pessoas morrem com isso ou quem está passando fome, eles estão interessados ao dinheiro, com quanto vão ganha, fazendo aquele trabalho, investem em coisas caras, enquanto podiam faze com que essas mortes parassem.

Por isso devemos lutar por um mundo melhor, o que pode não faz nada, temos que tentar tudo para faze alguma coisa no mundo.

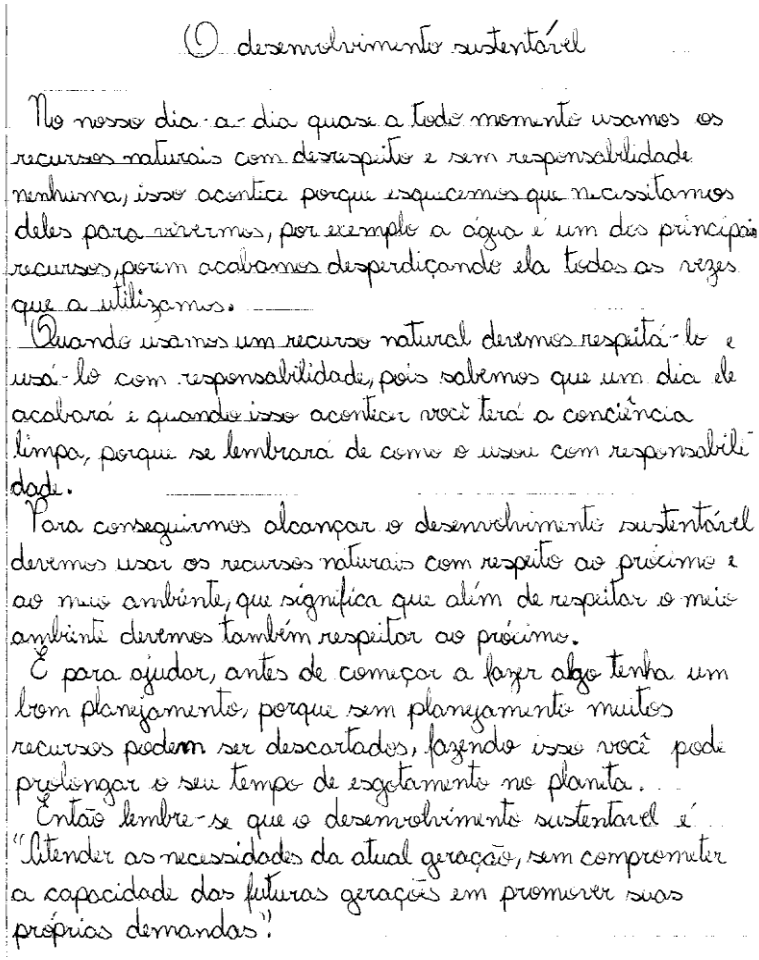
Fig. 4 – texto terrorismo

No texto da Fig. 4, o aluno utiliza a palavra /se/ duas vezes. Na primeira, no trecho: "o que está levando pessoas *a se retirarem* do seu local para outras cidades" trata-se de um pronome reflexivo proclítico, pois como assegura Domingos Paschoal Cegalla (2008) "junto a infinitivo flexionado, regido de preposição, é de rigor a próclise" (CEGALLA, 2008, p. 542). O escritor do texto obedece à regra de concordância estabelecida pelas gramáticas, em que "o verbo concorda com o sujeito" (CEGALLA, 2008, p. 450) a que se refere.

No segundo emprego: "até mesmo outros países para *tentarem se levar* das queras e da fome?". Leia-se o verbo livrar ao invés de levar. Desta forma, o aluno emprega-o de acordo com as normas gramaticais Domingos Paschoal Cegalla (2008): "Nas locuções verbais podem os pronomes átonos, conforme as circunstâncias, estar em próclise ou ênclise ora ao verbo auxiliar, ora à forma nominal". (CEGALLA, 2008, p. 543)

O aluno obedece às regras de concordância estabelecidas pelas gramáticas normativas, Luiz Antônio Sacconi (1994): "se o verbo transitivo direto é acompanhado de verbo auxiliar, só este varia, o auxiliar". (SACCONI, p. 366)

Embora o aluno não tenha feito mau uso do /se/, é importante salientar que é papel do professor incluir a identificação e conscientização a respeito das diferenças linguísticas no processo de ensino/aprendizagem da língua em sala de aula.



O desenvolvimento sustentável

No nosso dia-a-dia quase a todo momento usamos os recursos naturais com desrespeito e sem responsabilidade nenhuma, isso acontece porque esquecemos que necessitamos deles para vivermos, por exemplo a água é um dos principais recursos, porém acabamos desperdiçando ela todas as vezes que a utilizamos.

Quando usamos um recurso natural devemos respeitá-lo e usá-lo com responsabilidade, pois sabemos que um dia ele acabará e quando isso acontecer você terá a conciência limpa, porque se lembrará de como o usou com responsabilidade.

Para conseguirmos alcançar o desenvolvimento sustentável devemos usar os recursos naturais com respeito ao próximo e ao meio ambiente, que significa que além de respeitar o meio ambiente devemos também respeitar ao próximo.

E para ajudar, antes de começar a fazer algo tenha um bom planejamento, porque sem planejamento muitos recursos podem ser descartados, fazendo isso você pode prolongar o seu tempo de esgotamento no planeta.

Então lembre-se que o desenvolvimento sustentavel é "Atender as necessidades da atual geração, sem comprometer a capacidade das futuras gerações em promover suas próprias demandas".

Fig. 5 – texto desenvolvimento sustentável

No texto 5, o aluno emprega por duas vezes o clítico /se/. No primeiro caso, no trecho: "quando isso acontecer você terá a conciência limpa, porque *se lembrará* de como o usou com responsabilidade", utiliza o de acordo com a norma prescrita pela gramática "usa-se a próclise

quando antes do verbo houver conjunções subordinativas". (MESQUITA & MARTOS, 2005, p. 414)

No segundo caso, no trecho: "Então *lembre-se* que o desenvolvimento sustentável é 'Atender as necessidades da atual geração'", emprega o clítico de forma adequada. "Se houver pausa depois do advérbio, prevalece ênclise" (CEGALLA, 2008, p. 539). Observe que o aluno não comete inadequações no tocante ao objeto de nosso estudo, isto é, o emprego do clítico /se/, mas é papel da escola e do professor provocar no aluno o monitoramento e reescrita de seus próprios textos.

Sendo assim, reitera Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) a respeito do papel da escola, que também cabe ao professor: "facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos [...] é a escola o *locus* em que os alunos vão adquirir recursos que lhes permitam desempenhar competentemente práticas sociais especializadas". (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74-75)

Considerando que uma das preocupações do português brasileiro a respeito do clítico /se/, é com a sua função apassivadora, nos cinco textos analisados os alunos não cometem desvios de concordância, em suas produções.

5. Considerações finais

A partir da leitura e análise dos textos produzidos pelos alunos de 8º ano, evidenciamos que houve 8 (oito) casos em que o clítico /se/ foi empregado, como prescrevem os manuais de gramática normativa consultados, contra 4 (quatro) inadequações por diferentes motivos, sendo 3 (três) de apenas um aluno. Logo, podemos inferir que dentre os 5 (cinco) textos escolhidos, as inadequações neles seriam facilmente corrigidas se os professores tivessem sua metodologia de aula pautada no processo de escrita e reescrita de texto, de forma que os alunos pudessem sanar as suas dúvidas de escrita e de emprego de fenômenos linguísticos características da modalidade escrita da língua. Pois nem sempre, visto a indisciplina em sala de aula, entre outros fatores, é possível dar um atendimento individual aos alunos e orientá-los na refeitura de seus textos. Há, porém, a opção de reescrita orientada, no final da folha da produção textual é possível o professor fazer alguns apontamentos que vão auxiliar o aluno no processo de escrita e reescrita de seus textos.

Tendo como base os 27 (vinte e sete) textos, 5 (cinco) deles apre-

sentaram o clítico /se/, e dentre os 5 (cinco), os escolhidos para análise, apenas 1 (um) precisava de uma atenção maior, haja vista os "desvios" terem sido frutos de falta de uma leitura pós-produção mais atenta. Os outros textos não apresentaram inadequações no tocante ao clítico, apresentaram outros tipos de fenômenos, mas no tocante ao clítico, os equívocos aparentes poderiam ter sido eliminados a partir da leitura do aluno, e de um "bilhete" que ao mesmo estimule ao aluno a produzir e o oriente de forma mais sensível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e completo. São Paulo: Saraiva. 2000.

ARNAULD, Antoine. *Gramática de Port-Royal*. Trad.: Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Gramática pedagógica do português brasileiro.* São Paulo: Parábola, 2012.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2014.

_____. *Educação em língua materna*: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BUENO, Elza Sabino da Silva; SILVA, Rosangela Villa da. Contribuições da pesquisa sociolinguística ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Edição atual. *Anais do SIELP*, vol. 2, n. 1. Uberlândia: Edufu, 2012.

CARVALHO, Castellar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional. 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria Nunes de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2015.

COMBA, Júlio. *Gramática latina*. São Paulo: Salesiana, 2004.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

DELMANTO, Dileta; CARVALHO, Laiz Barbosa de. *Jornadas*. Port-Língua Portuguesa, 8º ano. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

LEROY, Maurice. As grandes correntes da Linguística Moderna. São Paulo: Cultrix, 1974.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. Gramática normativa da língua portuguesa: curso médio. 14. ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1969.

MARTINS, Marco Antonio. VIEIRA, Silvia Rodrigues. TAVARES, Maria Alice. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MESQUITA, Roberto Melo; MARTOS, Cloder Rivas. *Gramática pedagógica.* São Paulo: Saraiva. 2005.

MOLLICA, Maria Cecilia. BRAGA, Maria Luiza. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

PEIXOTO, Maria da Silva. A linguística antes de Ferdinand de Saussure: uma retomada histórica. *Página de Debate: Questões de Linguistica e de Linguagem*, vol. 09, p. 58-69, 2009.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática*: teoria e prática. São Paulo: Atual. 1994.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* São Paulo. Cultrix, 1989.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Trad.: Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1961.